

BRASÍLIA TEM SOLUÇÃO?

CADA VEZ MAIS DEPENDENTE

Participação do setor público do Distrito Federal cresce sem parar e já chega a quase 60%, mostrando a fragilidade da iniciativa privada local

GUILHERME QUEIROZ

DO JORNAL DO COMMERCE

LUCIANA NAVARRO E MARIANA FLORES

DA EQUIPE DO CORREIO

Ao longo de seus quase 47 anos de história, o Distrito Federal ganhou rapidamente a condição de potência econômica nacional. Está aqui a maior renda per capita do país. A estrutura produtiva local responde por 2,46% do Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro. Ostentar indicadores, porém, não mostra com precisão como funciona a economia brasiliense. Nessas cinco décadas, as máquinas públicas federal e do Governo do Distrito Federal (GDF) se agigantaram enquanto os setores produtivos privados se acomodaram. A relação criou em Brasília uma estrutura produtiva privada que tarda a amadurecer e que mal caminharia com as próprias pernas.

A série especial de matérias que começou a ser publicada hoje no *Correio*, nas páginas 19 e 21, será acompanhada por reportagens que tratarão da economia local. Levantando questões estruturais e, muitas vezes, abandonadas pelo setor público e mesmo pelas empresas, o material tratará das fragilidades do Distrito Federal e as alternativas de desenvolvimento. Reduzir a dependência do setor público exigiria uma mudança nos moldes de crescimento.

Ainda que seja natural para uma capi-

| DISTRIBUIÇÃO DO PIB NO DF | | | | | | | | | | | | | | | |
|--|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|
| Participação das atividades econômicas | | | | | | | | | | | | | | | |
| Atividade | 1990 | 1991 | 1992 | 1993 | 1994 | 1995 | 1996 | 1997 | 1998 | 1999 | 2000 | 2001 | 2002 | 2003 | 2004 |
| Agropecuária | 0,27 | 0,89 | 0,42 | 0,35 | 0,90 | 0,53 | 0,52 | 0,49 | 0,55 | 0,47 | 0,49 | 0,49 | 0,72 | 0,73 | 0,39 |
| Indústria da transformação | 1,37 | 1,53 | 1,40 | 1,50 | 1,99 | 2,15 | 2,25 | 2,24 | 2,23 | 2,9 | 2,93 | 2,64 | 2,65 | 3,15 | 2,44 |
| Construção Civil | 1,68 | 1,86 | 1,73 | 2,09 | 3,70 | 4,44 | 4,36 | 4,18 | 4,00 | 3,98 | 3,42 | 3,23 | 3,00 | 3,08 | 3,14 |
| Comércio | 3,64 | 3,28 | 1,16 | 1,21 | 2,36 | 3,43 | 2,48 | 2,40 | 2,10 | 2,32 | 3,36 | 3,46 | 3,35 | 3,66 | 3,59 |
| Administração pública | 17,34 | 24,23 | 17,21 | 14,72 | 22,97 | 35,93 | 38,65 | 36,63 | 37,29 | 40,49 | 59,01 | 60,83 | 59,53 | 59,02 | 59,31 |

Fonte: IBGE-Contas Regionais do Brasil

Fonte: IBGE-Contas Regionais do Brasil

tal administrativa a forte dominância da máquina pública na dinâmica da economia local, os setores privados diminuíram de tamanho e perderam participação na composição do PIB — a soma de todas as riquezas produzidas — ao longo dos últimos 20 anos (veja quadro). Ao mesmo tempo, a administração pública elevou sua fatia no PIB de 23,43% para 59,31%, entre 1985 e 2004. Segundo, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), isso corresponde a R\$ 28,6 bilhões dos R\$ 45,3 bilhões produzidos no último ano da avaliação.

O quadro de inchaço nas máquinas governamentais é recorrente também nos estados, mas o fosso entre as realidades estaduais e a do DF é enorme. Em São Paulo, por exemplo, a participação

do setor público cresceu de 5,75% para 9,71%, no mesmo período. No Rio de Janeiro, que inclui em sua conta o resultado de gigantes estatais como a Petrobras, houve elevação de 13,46% para 17,12%. Mantém-se os contrastes avaliando estados com desenvolvimento mais recente: em Goiás, a administração pública incrementou sua participação de 10,11% para 15,43% do PIB local.

Perigo

Essa progressão meteórica da administração pública no PIB brasiliense em detrimento dos setores privados configura um potencial perigoso para a economia local. Para o integrante do Conselho Regional de Economia do DF (Corecon), Júlio Miragaya, a máquina pública só

pode absorver o crescimento da população economicamente ativa até certo ponto, sendo necessário, a partir de então, o fortalecimento de segmentos da indústria para absorver mão-de-obra. "Para atrair investimentos, o DF precisa seguir exemplos como os de Santa Catarina e de Uberlândia (MG), onde investiu-se em infra-estrutura e buscou-se uma economia de aglomeração. Isso é planejamento."

Um dos dados que corroboram a tese de que a sustentação da economia local pela máquina pública pode chegar a um ponto de esgotamento é a alta taxa de desemprego do DF, fechada em 17,8% em novembro, com 223,4 mil brasilienses sem trabalho, segundo o Departamento Intersindical de Estatística e Estu-

dos Sócio-Econômicos (Dieese). Miragaya destaca a falta de integração das políticas do DF e do governo de Goiás para a atração de investimentos e de geração de empregos em Brasília e nos 21 municípios da Região Integrada de Desenvolvimento do Entorno (Ride), que dependem da máquina federal. "A atração, por exemplo, de indústrias para o Entorno capazes de absorver mão-de-obra de baixa qualificação é a saída. A cidade precisa ter valores competitivos que vão além de frete e estrutura capaz de oferecer serviços periféricos", avalia.

Para o economista da Universidade de Brasília (UnB), Roberto Piscitelli, o quadro poderia ser revertido com maiores investimentos em formação técnica capaz de proporcionar aos desempregados melhores condições de acesso ao mercado de trabalho. "A dependência do setor público é tamanha que, em Brasília, curiosamente, os servidores têm o empresariado como aliados na luta por melhores salários", ilustra. "Mas essa é uma responsabilidade do poder público".

Piscitelli destaca também "certo comodismo" do empresariado local que, acostumado à facilidade de acesso às demandas do setor público, se habituou a não competir em qualidade, em produtividade e em preço. "Essa dependência do setor público é ruim na medida em que gera acomodação e não gera melhorias. O problema do DF está na inércia dos empregados, dos empresários e do governo do Distrito Federal", sentencia.



O SETOR TÊXTIL É EXEMPLO DOS PROBLEMAS ESTRUTURAIS DO DF: PÓLO DO GUARÁ DEMOROU TRÊS ANOS PARA RECEBER ASFALTO E FALTA FABRICA DE BOTÕES PARA COMPLETAR A PRODUÇÃO LOCAL

PLANO AMBICIOSO, MAS NA PRÁTICA...

A indústria brasiliense começa o ano de 2007 com uma pretensão ambiciosa: elevar de 7,7% para 14,1% a participação do setor no Produto Interno Bruto (PIB) do Distrito Federal até 2015. O cumprimento da meta significaria a reversão de 20 anos de queda do valor das atividades industriais na composição do PIB. Para atingi-la, entretanto, a indústria precisa crescer a passos mais velozes que os de 2006, quando a expansão do faturamento acumulado até outubro foi de 4,39%. Apesar de estar acima da taxa de crescimento do PIB prevista para o país, de 2,7%, a taxa é inferior à expectativa de 7% traçada no começo do ano pela Federação das Indústrias do DF (Fibra).

"A indústria brasiliense registrou uma

expansão em ritmo lento em 2006. Para mudar este quadro é preciso que o governo coloque o crescimento do setor produtivo como prioridade em suas políticas", afirma Diones Cerqueira, economista-chefe da Fibra. Apesar dos resultados não terem correspondido às expectativas, alguns setores tiveram bom desempenho. Um exemplo são as gráficas, que, de janeiro a outubro, acumularam 70,68% de acréscimo no faturamento. E isso porque as estimativas de crescimento com a Copa do Mundo e com as eleições não foram atingidas, segundo o presidente do Sindicato das Indústrias Gráficas (Sindigraf), Antônio Eustáquio de Oliveira. Os produtores de móveis também tiveram bom desempenho e registraram aumen-

to de 27,55%. No setor de alimentação e bebidas a melhora foi mais tímida, de 2,87%. Na construção civil, o incremento foi de 2,5%. As empresas de metal-mecânico, tecnologia da informação e vestuário e acessórios registraram perdas no faturamento de 15,91%, 11,77% e 10,87%, respectivamente.

Infelizmente, porém, períodos em que a indústria brasiliense pena para crescer não são novidade. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), as atividades cresceram apenas 77,11% entre 1985 e 2004. A expansão supera a média nacional de 50,36% no período, mas confirma que o Distrito Federal foi excluído do processo de industrialização — seja pela agroindústria ou em segmentos como os de medicamentos — que se instalaram no Centro-Oeste nos últimos 20 anos. Para se ter uma idéia, o setor industrial de Goiás cresceu 120,81% nesse período. O do Mato Grosso do Sul, 227,41%. E o do Mato Grosso, 436,69%.

Em 2006, a utilização da capacidade instalada nas indústrias registrou queda

em relação a 2005. O indicador médio obtido entre janeiro e outubro foi de 63,69% frente a 64,54% do ano anterior. "Mesmo diante de um ano atípico para a economia local, a indústria brasiliense operou abaixo da capacidade", diz Cerqueira. De acordo com o economista da Confederação Nacional Indústria (CNI), Flávio Castelo Branco, os baixos índices refletem uma falta de preocupação das empresas com a produtividade.

Entraves

Para o economista-chefe da Fibra, a falta de novas áreas e a dificuldade de acesso a serviços de infra-estrutura de água, luz, telefone e asfalto são fatores que emperam o desenvolvimento da indústria local. O Pólo de Modas do Guará, por exemplo, ganhou asfalto apenas este ano, três anos depois de inaugurado. Cerqueira destaca, também, as dificuldades de acesso ao licenciamento ambiental como outro problema para a expansão da indústria no DF.

Diante dos números ainda insatisfa-

tórios da indústria candanga, Cerqueira propõe a elaboração de "políticas industriais nos moldes desenvolvimentistas". O economista defende, também, a criação de mecanismos facilitadores para que as empresas do DF possam ter acesso a outros mercados e às compras governamentais. "Para expandirmos a indústria do DF não basta apenas falar em expansão da base, mas também do grau tecnológico", diz Cerqueira.

Na tentativa de trilhar caminhos para o desenvolvimento industrial do DF, a Fibra elaborou, este ano, o Plano Estratégico de Desenvolvimento Industrial (PDI). O documento tem 52 propostas para os principais problemas econômicos e estruturais do setor. Uma delas é o preenchimento das lacunas existentes na cadeia produtiva local, com a atração de empresas capazes de fabricar peças a serem usadas na confecção de outras mercadorias na região. Um exemplo seria o incentivo da vinda de uma empresa de botões para ajudar na produção do Pólo de Modas. (LN e GQ)